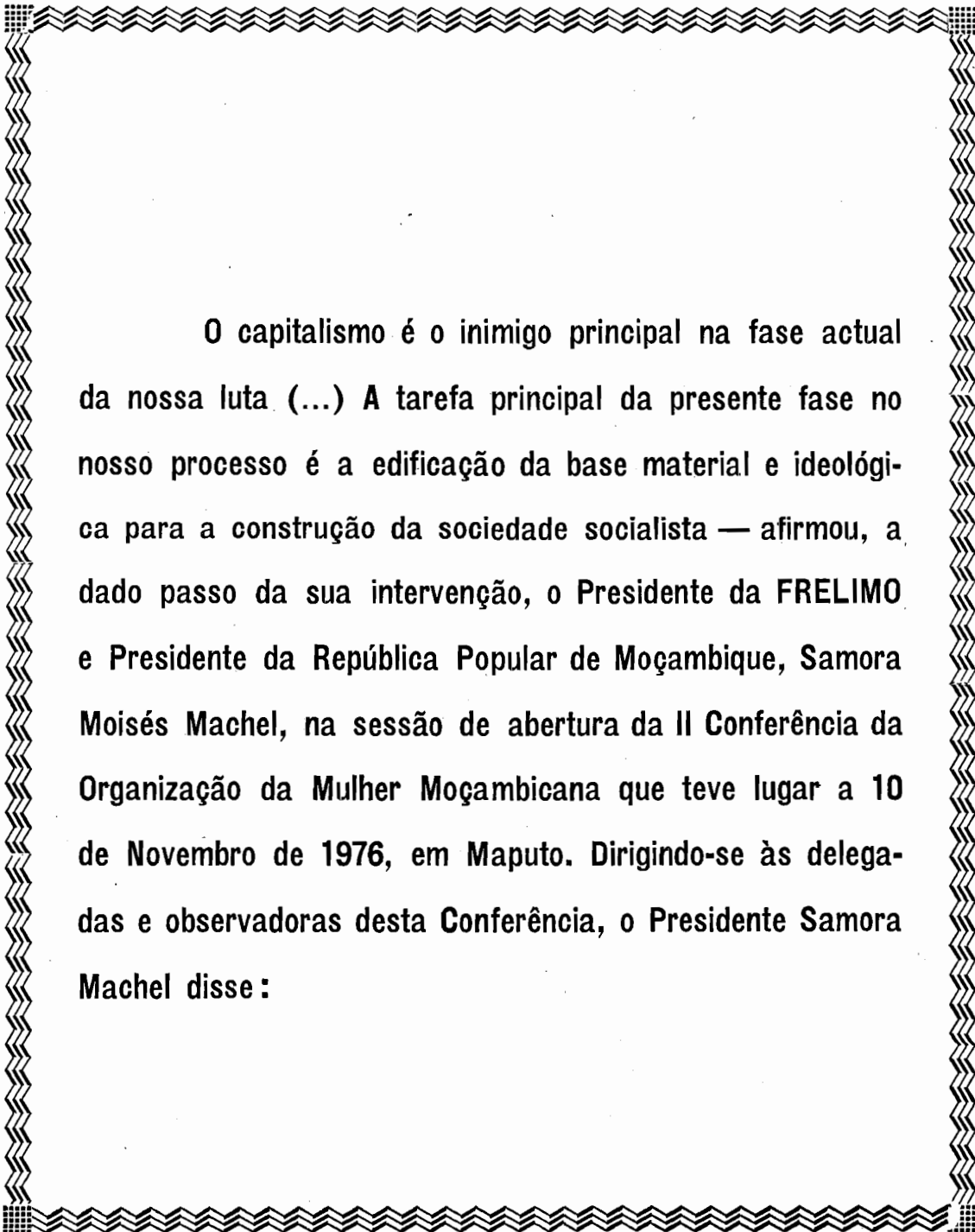




**O FACTOR DECISIVO DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER
É O SEU ENGAJAMENTO NA TAREFA PRINCIPAL**



O capitalismo é o inimigo principal na fase actual da nossa luta (...) A tarefa principal da presente fase no nosso processo é a edificação da base material e ideológica para a construção da sociedade socialista — afirmou, a dado passo da sua intervenção, o Presidente da FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, na sessão de abertura da II Conferência da Organização da Mulher Moçambicana que teve lugar a 10 de Novembro de 1976, em Maputo. Dirigindo-se às delegadas e observadoras desta Conferência, o Presidente Samora Machel disse :

Na nossa Pátria já independente, na nossa Pátria de operários e camponeses realizamos a II Conferência da OMM. Mais de 3 anos decorreram sobre a I Conferência, três anos de combate, de vitórias, três anos construídos com sacrifícios e sangue.

A I Conferência teve por quadro Tunduro. A sala era modesta, a chuva torrencial fustigava-nos, alojámo-nos em palhotas. Muitas delegadas marcharam longos e difíceis dias, vencendo bombas e encharcadas, para darem a sua contribuição. É bom lembrarmo-nos desta diferença de cenários para medirmos o caminho realizado e o preço de sangue pago pelo nosso Povo para sermos o que hoje somos.

EVOCAÇÃO E SAUDAÇÕES À MULHER

Por isso queremos iniciar os nossos trabalhos evocando a memória da Mulher Moçambicana, da militante que de armas na mão se sacrificou, da patriota obscuramente massacrada nas chacinas coloniais, da mulher determinada que nos campos da morte anonimamente desapareceu, da trabalhadora que nas plantações e fábricas entregou a juventude, a saúde e a vida.

Pedimo-vos pela Mulher Moçambicana sacrificada, um minuto de silêncio. Através das delegadas queremos endereçar as nossas saudações à Mulher Moçambicana, do Rovuma ao Maputo.

Saudamos a mulher operária e a mulher camponesa organizada em cooperativas, saudamos a mulher soldado, saudamos a mulher de

vanguarda engajada na frente decisiva da luta de classes, da luta pela edificação da base material do Poder operário-camponês. Saudamos a mulher educadora e a mulher estudante, combatente na frente da ciência, a frente que nos liberta da ignorância, obscurantismo e superstição, a frente que nos conduz a mobilizar a natureza em favor do progresso. Saudamos a mulher na batalha da saúde, a mulher que liberta o nosso Povo da doença, do sofrimento e da morte. Saudamos a mulher funcionária e empregada, que presta serviços essenciais ao povo e à economia nacional. Saudamos a Mulher esposa e mãe, a forjadora das novas gerações de continuadores da Revolução.

Saudamos, em resumo, a mulher trabalhadora, a mulher que conquista e exerce o Poder na nossa Democracia Popular, a mulher que edifica a base material e ideológica da sociedade socialista.

Aqui estamos de todas as regiões do nosso País.

Mulheres de Cabo Delgado, que dez anos de combate forjaram e temperaram, mulheres que aguentaram o peso da guerra, mulheres que derrotaram os generais portugueses e contribuíram decisivamente para liquidar os novos exploradores.

Mulheres de Niassa, que estenderam a luta a toda imensa província, que superando os obstáculos da baixa densidade de população, percorreram muitos milhares de quilómetros transportando material. Mulheres que arrancavam à terra três colheitas anuais para apoiar a luta e a reconstrução nacional.

Mulheres de Tete que assumiram o papel estratégico da sua Província, que venceram a batalha do Zambeze e transportaram a luta para Manica, Sofala e Zambézia. Mulheres que exemplarmente cumpriram o dever internacionalista, desafiaram massacres e bombardeamentos rodesianos e sul-africanos para apoiar a chama da guerra no Zimbabwe.

Mulheres de Manica e Sofala, mulheres que pela sua determinação abalaram os centros estratégicos e económicos do colonialismo e provocaram o seu colapso. Mulheres que constituem hoje uma recataguarda estratégica segura da luta do Zimbabwe.

Mulheres da Zambézia, mulheres da ofensiva final contra o colonialismo, mulheres que acendem a fogueira que devora as manobras neocolonialistas.

Mulheres de Nampula, mulheres que mantiveram e desenvolveram o combate patriótico diante da maior concentração das forças inimigas. Mulheres que se colocaram na vanguarda do combate pelas cooperativas e aldeias comunais.

Mulheres de Inhambane, mulheres que desencadearam o combate contra os latifundiários, mulheres que aniquilaram manobras de reaccionários e fantoches.

Mulheres de Gaza, mulheres que arrancaram à terra riqueza para o país, mulheres que enfrentam agressões e massacres dos rebeldes rodesianos, mulheres que são uma base de apoio da libertação do Zimbabwe.

Mulheres de Maputo, mulheres que vencem as últimas agressões colonialistas, mulheres dos levantamentos populares que esmagam o 7 de Setembro e 21 de Outubro, mulheres activamente empenhadas no combate de classe contra o quartel general da reacção.

As mulheres de Maputo recebem a nossa II Conferência. Elas criaram condições materiais favoráveis ao sucesso dos nossos trabalhos. Endereçamos-lhes pois os nossos agradecimento.

Saudamos as Mulheres moçambicanas e saudamos também as suas irmãs de classe do mundo inteiro.

Saudamos as mulheres dos países socialistas, a mulher que acaba de celebrar o aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro e edifica o Novo Mundo.

Saudamos as mulheres heróicas da Indochina, as mulheres que simbolizaram a determinação e a capacidade das massas, as mulheres que esmagaram a maior agressão imperialista.

Saudamos as nossas irmãs de Angola que amanhã festejam o 1.º aniversário da sua independência, um ano de combates e vitórias gloriosas. Saudamos as nossas irmãs da Guiné-Bissau e Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe, que no sacrifício, connosco edificaram a liberdade e a independência. Saudamos as mulheres africanas, como nós portadoras das cicatrizes dum passado de exploração e opressão e hoje engajadas na luta pela liberdade e progresso. Saudamos a mulher da África do Sul que se levanta irresistivelmente contra a montanha do «apartheid» e abala o centro nevrálgico racista e do nazismo na África Austral. Saudamos as mulheres da Namíbia e as mulheres do Zimbabwe que de armas na mão combatem pela independência nacional.

Saudamos as mulheres da Palestina, do Chile, do Sara Ocidental, de Timor Leste, as mulheres do mundo, que com sacrifícios imensos, na tortura e no sangue, edificam a independência, a democracia, a justiça, a Paz, o Progresso e, fazendo-o libertam-se a elas próprias e contribuem para a libertação da Humanidade.

DEFINIÇÃO CORRECTA DO INIMIGO E DA CONTRADIÇÃO PRINCIPAL

Caras Camaradas,

Para estudarmos a situação actual da Mulher

Moçambicana é preciso que analisemos criticamente o trabalho efectuado depois da I Conferência da OMM. Para melhor podermos situar o combate travado pela Mulher Moçambicana pela sua emancipação, devemos colher a experiência fértil destes últimos anos da nossa História. É uma experiência feita de vitórias mas em que tivemos também alguns insucessos.

A Reunião do Comité Central da FRELIMO, em Dezembro de 1972, definindo o novo carácter da nossa luta, isto é, a transformação da luta de libertação nacional em Revolução Democrática Popular, recomendou que se realizasse uma Conferência das Mulheres Moçambicanas.

No dia 4 de Março de 1973 teve início em Tunduro a I Conferência da Mulher Moçambicana, em que estiveram presentes representações das mulheres engajadas em todos os sectores da luta, originárias de todas as Províncias do nosso País.

Era fundamental, para o processo revolucionário, que a Mulher Moçambicana definisse correctamente o inimigo e a contradição principal no seu combate. Só assim seria possível traçar a estratégia e a tática correctas que lhe permitiriam definir claramente o seu papel de parte integrante do processo revolucionário e não como um elemento à margem, um elemento observador ou complementar da Revolução.

Por isso dissemos que «A libertação da Mulher é uma necessidade da Revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo».

A I Conferência da Mulher Moçambicana definiu como contradição principal o sistema de exploração, sendo o aspecto principal dessa contradição.

A causa da sua opressão era a existência em Moçambique da exploração. Ficou claramente afirmado que a contradição antagónica não era entre a mulher e o homem que a seu lado combatia o colonialismo. A contradição antagónica situava-se entre a mulher e o sistema de exploração do homem

pelo homem, entre a mulher e a propriedade privada dos meios de produção, de que o colonialismo era a expressão principal do nosso País.

Portanto, a contradição situava-se entre os explorados, mulheres e homens, e a ordem social imposta ao nosso povo trabalhador, o colonialismo português.

Era evidente pois que a estratégia do combate de emancipação da mulher se inseria na estratégia global da libertação nacional e da emancipação das classes trabalhadoras. A tarefa fundamental da Mulher Moçambicana era a sua integração em todas as frentes da luta da libertação nacional.

Com a I Conferência criou-se a organização democrática de massas: A O.M.M. A O.M.M. cabia a tarefa de mobilizar e organizar todas as mulheres do nosso País no combate pela libertação nacional, pela emancipação das classes trabalhadoras, pela emancipação da mulher.

Definindo o inimigo, traçada a estratégia e a tática do combate, identificada a tarefa principal, com uma linha política correcta de orientação, estavam criadas as condições para que a batalha da emancipação da mulher desse um passo decisivo.

No entanto, no período que se seguiu à I Conferência verificamos que a O.M.M. não conseguiu assumir a essência das suas tarefas.

Porquê?

Primeiro, porque a sua direcção foi incapaz de estabelecer estruturas, os instrumentos para realizar as tarefas. Se não há estruturas capazes, não há dinamismo.

Segundo, porque a própria O.M.M. não assumiu claramente, na prática, os objectivos que tinham sido definidos. E sem esta clareza, não era possível implementar a estratégia e a tática.

Terceiro, porque a direcção não soube integrar os quadros do Destacamento Feminino, nem soube compreender a importância da formação de novos

quadros. E sem quadros não era possível dinamizar e desenvolver o trabalho da Organização. Sem eles não poderia haver distribuição das inúmeras tarefas que cabiam à O.M.M.

Quarto, porque no seio da O.M.M. persistiram concepções erradas da tarefa da mulher: a mulher continuou a considerar-se como uma força de apoio ao homem e não como uma parte integrante e decisiva das forças revolucionárias.

Mas é preciso também salientar, entre as causas que constituíram entrave à emancipação da mulher, a atitude do homem, ainda dominado por preconceitos do passado, preconceitos da sociedade feudal e capitalista. A concepção da mulher como objecto de prazer, como mero instrumento de procriação, como ser que não sente a necessidade de se emancipar, a concepção da mulher como complemento da actividade do homem, propriedade privada do homem — tudo isto continuava a subsistir na mentalidade de muitos homens.

Em resumo, depois da I Conferência continuou a haver camaradas no nosso seio que consideravam a luta pela emancipação da mulher como um combate secundário.

No entanto um importante trabalho foi levado a cabo. As estruturas da FRELIMO, as estruturas do Destacamento Feminino superaram a inoperatividade da OMM e foram capazes de enquadrar uma vasta massa de mulheres nas tarefas centrais da libertação nacional.

Um grande número de mulheres adquiriu uma rica experiência prática no seio do Destacamento Feminino. Elas participaram activamente na mobilização e organização das massas populares, na organização das milícias populares. Os quadros do Destacamento Feminino dirigiram e apoiaram o povo na produção colectiva dos bens materiais.

De importância particular foi a participação do Destacamento Feminino na batalha ideológica e de

classe contra as concepções e práticas feudais nas zonas libertadas, contra as concepções e práticas decadentes burguesas. Neste combate, é fundamental salientar, o Destacamento Feminino além de ter sensibilizado a mulher, sensibilizou o próprio homem. Este foi pois um combate de transformação da sociedade.

Podemo-nos orgulhar dos quadros que foram forjados pelo Destacamento Feminino. Podemo-nos orgulhar também do heroísmo demonstrado pela Mulher Moçambicana no campo de batalha.

A mulher não capitulava perante as maiores dificuldades. A mulher não desertava. A mulher não abandonava a arma. Lembremo-nos aqui, como fonte de inspiração, aquela camponesa de Cabo Delgado, em Novembro de 1973 que, ferida e com o filho morto nas costas, foi capaz de trazer à base e entregar o cano de morteiro 82 mm que lhe fora confiado no Rovuma. Lembremo-nos aqui do exemplo de Emília Dausse, Josina Machel e de tantas outras heroínas que pela vida e pela morte educam as novas gerações.

INCAPACIDADE DE DEFINIÇÃO DAS TAREFAS CONCRETAS PARA A NOVA FASE DE LUTA

Caras Camaradas,

A 7 de Setembro de 1974 consagrou-se em Lusaka a vitória da luta armada de libertação nacional, a derrota político-militar do colonial-fascismo português.

Com a capitulação do exército de ocupação, é desfechado um golpe decisivo na manobra neocolonial que se seguiu à queda do fascismo em Portugal, e inicia-se uma nova fase no nosso combate.

Tinham sido criadas condições para a extensão

a todo o país das conquistas democráticas e de classe das zonas libertadas.

A O.M.M. abria-se também uma nova dimensão do combate com características novas: começava um combate a nível nacional.

Nas zonas rurais a acção da O.M.M. passava a abranger as zonas ocupadas, as plantações, os aldeamentos, novas mulheres traumatizadas pela opressão e humilhação do colonialismo.

Nas próprias zonas libertadas a tarefa essencial, a luta armada de libertação nacional terminara.

Pela primeira vez, a O.M.M. tem que se organizar nas zonas urbanas, tem que enquadrar a classe operária feminina, tem que combater a alienação da pequena e média burguesia, tem que enfrentar os problemas das mulheres marginais e delinquentes corrompidas pelos falsos valores da sociedade colonial-capitalista.

Esta nova situação implicava, necessariamente, uma análise científica profunda para a redifinição correcta do inimigo, dos objectivos actuais e, conseqüentemente, a elaboração da estratégia e da tática adequadas para a luta de emancipação da mulher.

O período de Transição criou uma grande esperança na mulher, consciente da sua opressão. Daí, o seu grande entusiasmo. Constatamos que esse entusiasmo esmorece e se transforma em desmobilização gradual, visto que a O.M.M., não tendo analisado a nova situação, não se mostrou à altura de dar uma resposta organizada e correcta e, assim, canalizar essa profunda motivação e fazer dela uma força material na transformação da sociedade.

Qual era pois a situação?

Quais as suas características?

Nas zonas rurais a mulher moçambicana, camponesa, conheceu o colonialismo como sistema de repressão, essencialmente através da máquina administrativa colonial. Conheceu-o como sistema de exploração e pilhagem nas machambas, nas cantinas e nos

mercados. Conheceu-o como força que lhe arrancava o marido e filhos adultos para a degradação e miséria do trabalho forçado. Mas a sua vida caracterizava-se ainda por uma forte predominância dos valores ideológicos da sociedade feudal

A vida da camponesa moçambicana é condicionada por práticas feudais como o lobolo, os ritos de iniciação, os casamentos prematuros.

Ela é vítima da poligamia e do obscurantismo. Na sua educação foi-lhe inculcado o espírito de tribalismo e regionalismo. Dentro deste contexto, não lhe é permitido participar em qualquer discussão e decisão; ela é privada da troca de experiências. Na sociedade tradicional, a capacidade criadora da mulher é reprimida.

A camponesa moçambicana, em geral, não é objecto directamente da influência da ideologia e da cultura do colonial-capitalismo. No entanto, nos últimos anos da ocupação estrangeira do nosso País, verifica-se uma desesperada tentativa do sistema colonial de levar ao campo os seus valores. Essa penetração é tentada por duas vias: a do obscurantismo religioso, utilizando como instrumento as igrejas; e a da penetração militar, da corrupção mental e moral, utilizando como instrumento a psicossocial e o exército colonial. A acção psicossocial procurava recuperar e revalorizar os aspectos mais reaccionários da sociedade tradicional feudal, promovendo o lobolo, apoiando a poligamia e fomentando os casamentos prematuros. Paralelamente, criava condições para que os chefes e os notáveis da comunidade se integrassem nos valores culturais burgueses. Procurando moldar o homem aos seus preconceitos, o colonialismo acentuava o desprezo pela mulher, acentuava a opressão e degradação da mulher.

Os sectores das zonas rurais onde a mulher sofre influência directa do modo de vida dos colonialistas são as missões religiosas, os aldeamentos, as grandes plantações e as áreas em contacto estreito

com quartéis. Aqui a penetração cultural junto das mulheres faz-se sentir essencialmente através dos vícios degradantes como o parasitarismo e a prostituição e, ligado a estes, o alcoolismo e o roubo. Nas missões, o processo é mais subtil. Procura-se inculcar através do obscurantismo religioso na jovem camponesa moçambicana os preconceitos e um modo de vida à imagem e semelhança da pequena burguesia rural ocidental. A dependência da mulher era reforçada com a atitude de submissão e resignação que lhe era infundida. Um exemplo revoltante destes métodos era o de transformar as jovens camponesas alunas, em centro de recrutamento de esposas modelo, da pequena burguesia e aristocracia feudal, agentes difusores da contracultura estrangeira e burguesa.

Nas zonas libertadas, a mulher, que começara a assumir as suas tarefas na luta armada de libertação nacional, que adquiria consciência, capacidade de decisão e espírito de iniciativa, que estava engajada no combate ideológico contra o feudalismo e o obscurantismo, vê-se, no fim da guerra, submetida a duas ofensivas nefastas:

Primeiro, pelo regresso dos refugiados que, no exterior do País, não tinham sofrido qualquer transformação.

Segundo, pela influência dos hábitos de vida corruptos das zonas que não tinham vivido o processo da guerra e das quais parte a ofensiva do obscurantismo religioso.

Simultaneamente terminada a guerra, nas zonas libertadas manifesta-se uma incapacidade de definição das tarefas concretas para a nova fase da luta.

COMPLEXIDADE DOS PROBLEMAS QUE SE PÕEM NAS CIDADES

Caras Camaradas,

Se a O.M.M. já tinha experiência da luta pela

emancipação da mulher em zonas rurais, a Organização tem de enfrentar agora, pela primeira vez, a complexidade dos problemas que se põem nas cidades.

A cidade constitui o sector da sociedade moçambicana onde a dominação ideológica e cultural do capitalismo e colonialismo mais se faz sentir. A mulher urbana era sujeita, quotidianamente, ao modelo de vida e à lógica de consumo, montados pela máquina de propaganda da classe dominante. O fenómeno da moda, especialmente dirigido à mulher, era um dos grandes veículos de penetração dos valores morais e estéticos da burguesia colonialista e factor de despersonalização.

A necessidade de desenvolvimento do capitalismo forçam o sistema a integrar um número crescente de mulheres em actividades produtivas; tendo em conta a discriminação salarial em função do sexo isto significa uma maior exploração e lucro para o capitalista. Esta integração no entanto cria na mulher trabalhadora uma capacidade de compra e de consumo. Na verdade, o aumento da sua capacidade de consumo facilita a penetração da lógica e dos valores da burguesia, como modelo de vida, por consequência uma maior alienação da mulher.

É por isso, que a zona urbana é uma zona de desagregação da sociedade tradicional. Porém, porque os novos valores burgueses apenas se apresentam como modelo a copiar e eles só são assimilados superficialmente, como um verniz, certos aspectos da tradição sobrevivem coexistindo. Víamos jovens aceitarem a prática do lobolo para, em seguida, vestidos segundo a moda, se dirigirem solenemente ao Registo Civil ou à Igreja. Quantos casos conhecemos, dos chamados evoluídos e cultos que, para resolverem um problema amoroso, consultavam o curandeiro!

A cidade era, por excelência, o centro de

contra-valores, o centro de vícios, o centro de alienação.

Contudo, as zonas urbanas eram também o centro da agudização das contradições sócio-económicas. Era na cidade onde havia uma demarcação clara e constante entre a miséria e o luxo. Era na cidade onde o pobre via a sua pobreza aumentar dia a dia, escarnecida pelo desenvolvimento desenfreado da riqueza, da ostentação e do esbanjamento. Era na cidade que se confrontavam permanentemente os complexos de superioridade e inferioridade, o rancor racial, o desprezo e o ódio.

Tais contradições favorecem o aparecimento de uma consciência mais ampla e aguda, de maior debate de ideias, de uma constante troca de experiências, face à evidência da exploração.

A mulher, se bem que segregada no seio da família, consegue com as suas camaradas de trabalho ou com as suas vizinhas de bairro, participar neste processo de consciencialização.

Na cidade, zona de estratificação social demarcada, a mulher assume a sua personalidade da classe.

Temos em primeiro lugar a mulher operária, que surge na fase do desenvolvimento do capitalismo no nosso País. Ela vive segregada do homem, seu companheiro de trabalho, seu irmão de classe, quer por acção do capitalismo, quer por influência dos vestígios da sociedade feudal. O capitalismo isola a mulher operária do homem operário, pela discriminação salarial em função do sexo e pela suprema humilhação da exploração sexual a que sujeita a mulher na fábrica. Esta prática degradante determina a grande incidência de mães solteiras no seio da classe operária. O tradicionalismo sobrevivente no seio da família e na mentalidade masculina faz com que a mulher seja marginalizada pelo homem na discussão e partici-

pação na luta política. Esta marginalização acentua-se no sector da mulher operária mais inculta.

Um grande número das mulheres da cidade vivem na condição de domésticas. Conforme é predominante a concepção feudal ou a concepção burguesa do lar, assim a sua vivência se aproxima da mulher camponesa ou do modelo colonial-capitalista da dona-de-casa. Mas de um modo ou de outro a mulher doméstica está marginalizada dos problemas essenciais da vida social. A própria natureza do trabalho da mulher doméstica determina a sua concepção individualista do mundo.

Reduzida a uma existência apagada e fútil, sem opinião e sem iniciativa, ela torna-se muitas vezes guardiã dos preconceitos feudais ou burgueses, o veículo principal de transmissão do obscurantismo tradicional ou religioso.

Há depois a mulher da pequena e média burguesia, fruto da apressada promoção económica que o colonial-capitalismo tentou nos seus últimos anos e que a sucessiva manobra neocolonialista reforçou.

Este processo de integração na pequena e média burguesia não é porém, através da apropriação dos meios de produção. Verifica-se essencialmente pela mera assimilação dos seus valores culturais, ideológicos e morais.

É o caso de muitas funcionárias e empregadas domésticas ou de escritório e, mais recentemente, de estudantes.

Na sua precipitada busca de promoção social, a mulher da pequena e média burguesia, procura macaquear o modelo de vida das burguesias estrangeiras, seguindo as modas, copiando as maneiras, decalcando os vícios. Chega assim, ao estágio supremo da sua alienação quando assume o carácter utilitário e decorativo da mulher burguesa da civilização capitalista ocidental e recusa a sua origem. Todos nós conhecemos exemplos revoltantes de pes-

soas que vão ao ponto de, por complexo, renegar a própria mãe.

DIFICULDADES DE ADAPTAÇÃO

Caras Camaradas,

Estes são alguns dos aspectos mais característicos da situação que se depara à O. M. M. no momento em que a sua acção se estende a todo o País.

As estruturas da Mulher sentem dificuldades na fase presente.

Os quadros do Destacamento Feminino, ricos da experiência fecunda das zonas libertadas, encontram obstáculos a uma rápida adaptação às condições e aos problemas das cidades. Diante da pequena burguesia urbana, que domina as modas e pretende falar com propriedade, quadros veteranos do combate de libertação e do combate de classe, sentem-se intimidados e, em vez de se imporem como modelo, deixam-se por vezes arrastar pelo modo de vida burguês. Permanecendo essencialmente afectadas a tarefas de segurança e defesa, não participam nas reuniões da O. M. M., ficam à margem das mulheres urbanas e permitem, assim, a infiltração. Não transmitem, por isso, à mulher da cidade a sua experiência e não desempenham a função de agentes de enquadramento e dinamização na nova fase do processo revolucionário.

A O. M. M. como já dissémos, não tendo estudado a nova realidade que surgira da libertação do País, permitiu o assalto das suas estruturas pelas representantes da pequena e média burguesia que, aparentando espírito patriótico que camufla a técnica de substituição, surgem no primeiro mo-

mento, como as mais capazes de dar resposta aos problemas da cidade.

Estes elementos trazem para o seio da O. M. M. as duas concepções dominantes da burguesia colonial sobre o papel da mulher na sociedade:

A primeira concepção é a da mulher como senhora da alta sociedade tipo Movimento Nacional Feminino, Acção Católica, etc. A sua actividade social é fundamentalmente caritativa. Para ela, a emancipação da mulher operária-camponesa é acima de tudo alfabetizar, ensinar a cozinhar e ensinar a bordar. É assim que surgem cursos de costura, lições de cozinha, festas de caridade para as crianças pobres, organizados pela O. M. M. Para que servia aprender isso se a operária e a camponesa nem sequer tinham máquina de costura e fogão a gás? Onde pôr a toalha bordada na palhota inundada? Qual era a contribuição concreta, para o progresso da emancipação da mulher e para o avanço do processo Revolucionário?

A outra concepção errada, manifestou-se sobretudo ao nível duma juventude infectada de radicalismo pequeno-burguês. Para ela, a opressão da mulher era a contradição principal da nossa sociedade. O inimigo principal era o homem. O objectivo fundamental a conquistar era o liberalismo social e a promiscuidade sexual que caracterizam o homem burguês na sociedade capitalista desenvolvida.

Estas concepções erradas dominaram a O. M. M. principalmente ao nível das cidades, até época recente. Por isso, o conteúdo político da acção mobilizadora da Organização não engajou as classes revolucionárias da sociedade.

A O. M. M. limitou-se a repetir «slogans» anti-feudais que não abriam perspectivas de novas conquistas mobilizadoras para a mulher, nem respon-

diam aos problemas essenciais que a mulher sentia. A luta pela emancipação da mulher reduziu-se, assim, a meros chavões.

A concepção retrógrada que o homem tem sobre o papel da mulher na vida social não foi combatida. O homem não foi mobilizado para este combate. Verificamos isso na composição dos próprios Grupos Dinamizadores, onde raramente aparece uma mulher a assumir uma tarefa de responsabilidade, para além das que lhe são confiadas no quadro da O. M. M.

Assim, perante uma Organização que não respondia aos seus problemas, perante uma Organização que lhe dizia o que não devia fazer mas sem lhe indicar para onde devia avançar, pressionada em casa pelo homem, pela tradição feudal ou pelos preconceitos burgueses, a mulher moçambicana começou a desmobilizar-se.

A constatação deste facto determinou a necessidade de se reverem a estrutura e os métodos de trabalho da O. M. M. A preparação para a II Conferência, recomendada pela 8.ª Sessão do Comité Central da FRELIMO, permitiu um levantamento dos problemas e a definição das prioridades da fase actual do processo de emancipação da mulher.

Os seminários distritais e provinciais, a troca de experiências e o amplo debate que permitiram, constituem matéria de estudo fundamental para esta II Conferência.

Com base na reflexão sobre a fecunda vivência da luta armada de libertação nacional, enriquecida pela difícil experiência vivida após a capitulação do colonialismo português, a mulher moçambicana deve traçar as novas perspectivas de trabalho para a sua Organização.

Em primeiro lugar é fundamental a definição correcta do inimigo.

Para isso, põe-se a questão de compreender a

etapa do nosso processo, isto é, que a democracia popular em que vivemos constitui o primeiro passo após a libertação política, para a construção da sociedade socialista.

As principais tarefas que actualmente se apresentam ao Povo moçambicano são:

- edificar a base material e ideológica para a construção da sociedade socialista;
- reforçar a aliança operário-camponesa;
- consolidar a soberania nacional;
- apoiar a luta de libertação dos povos irmãos.

A concretização destes objectivos opõem-se duas forças:

Por um lado, o feudalismo, estrutura sócio-económica em decadência que corresponde ao sector menos produtivo, mais retrógrado, isolado e anticientífico da sociedade moçambicana.

Por outro lado, o capitalismo, força que vinha em ascensão nos últimos anos no nosso País, negação da sociedade feudal, com vocação técnica e exploradora, representante no nosso seio do imperialismo internacional e cuja expressão social é a burguesia, com a sua ideologia de classe.

O capitalismo, em tanto que sistema de exploração das massas trabalhadoras e em tanto que gerador de uma ideologia discriminatória da mulher na sociedade, constitui o inimigo principal na fase actual da nossa luta.

Para levar a cabo vitoriosamente este combate, as forças fundamentais da Revolução são: a classe operária, força capaz de conceber e dirigir a luta contra a opressão e a exploração.

No caso específico da mulher moçambicana, é necessário destacar, entre as nossas forças, os quadros do Destacamento Feminino compostos por operárias e camponesas temperadas no combate prolongado contra o feudalismo, contra o capitalismo

e os novos exploradores, contra as concepções erradas da emancipação da mulher.

A classe operária, a classe camponesa e o Destacamento Feminino constituem a fonte permanente e inesgotável de quadros para as fileiras da O. M. M. e da FRELIMO.

Porém, vimos que no seio da classe operária e da classe camponesa a mulher sofre diversas formas de opressão e discriminação. É justo, portanto, que se ponha a questão: qual é o factor decisivo para o avanço da mulher?

A História mostra-nos, desde os tempos mais remotos, que o factor que determina a predominância do homem em relação à mulher foi a sua constante participação na tarefa principal em cada período do processo do desenvolvimento da sociedade. Na divisão social do trabalho o homem esteve sempre afectado à tarefa transformadora. Por outro lado, à mulher foi sempre confiada a tarefa secundária, uma tarefa essencialmente de conservação.

Assim, vemos o homem, na sociedade primitiva, ocupar-se da caça, da destronca, da produção de excedentes, da guerra. À mulher, cabe gerar e amamentar os filhos, cuidar da produção de subsistência, numa palavra, apoiar o realizador da tarefa principal.

Sempre que na História a Mulher, individual ou colectivamente, por acaso ou por vontade própria, assumiu e se engajou na tarefa principal da sua sociedade, ela progrediu, emancipou-se e assumiu sem complexos o seu papel na sociedade.

A nossa própria experiência revelou-nos esta realidade. Tivemos frequentes exemplos entre as camaradas do Destacamento Feminino. Quando começavam o treino, apresentavam-se visivelmente inferiorizadas em relação ao homem. Muitas vezes, quando terminavam a preparação, apesar dos seus progressos, ainda o seu nível era inferior.

No entanto, verificava-se que, sendo favoráveis as condições que permitiam a libertação da sua energia criadora, essa mulher rapidamente se emancipava, superando muitas vezes o homem que continuava ligado a tarefas secundárias.

Constatámos, este modo que o factor decisivo da emancipação da mulher é o seu engajamento na tarefa principal, na tarefa transformadora da sociedade que naquela fase era a luta de libertação nacional.

Qual é portanto a tarefa principal na fase presente da Revolução?

Ao definir como palavra de ordem «Ofensiva política e organizacional generalizada na frente da produção», o Comité Central da FRELIMO, na sua 8.ª Sessão em Fevereiro deste ano, exprimiu aquela que é a tarefa principal da presente fase do nosso processo:

A edificação da base material e ideológica para a construção da sociedade socialista.

Portanto na implementação desta estratégia do combate que tem por objectivo a construção do socialismo, a tarefa principal é a produção e a forma principal de acção a luta de classes.

Se é estritamente necessário definir uma estratégia correcta para o combate, é também fundamental elaborarmos uma tática adequada.

Durante a guerra popular a integração da mulher no Destacamento Feminino, única fonte de quadros da O. M. M., foi definida como tática correcta.

Hoje, libertado todo o nosso País, definida a tarefa principal, a fonte de quadros alargou-se à classe operária e às camponesas cooperativistas. A fábrica e a cooperativa agrícola constituem as frentes de batalha da produção e da luta de classes.

Na formação destes quadros dois tipos de obstáculos principais se levantarão:

Um, será o obscurantismo, a superstição e a tradição, contra o qual se terá de combater com

o estudo científico e a participação nas tarefas práticas da produção.

O outro, será a falta de consciência da sua própria condição de ser duplamente explorada. A arma principal de luta contra este obstáculo deverá ser o estudo político, a troca de experiências de sofrimento, a discussão colectiva.

A VITÓRIA ORGANIZA-SE

Caras Camaradas,

A vitória organiza-se.

Já analisámos a situação concreta do nosso País. Definimos a contradição principal. Definimos concretamente o inimigo na fase presente. Estudámos qual era a nossa força principal e a sua situação. Em função destes dados, e vistos os objectivos e a tarefa principal, determinámos a estratégia e tática do nosso combate. Soubémos localizar o factor principal para acelerar o processo da libertação da mulher.

Importa agora definirmos as estruturas, isto é, os instrumentos operacionais que permitirão a aplicação criadora das nossas decisões.

A O. M. M. é uma organização democrática de massas. Quer isto dizer que a sua linha política, a sua estratégia, são definidas pela FRELIMO onde se agrupa a vanguarda da nossa classe trabalhadora.

É no quadro da estratégia do Partido que as organizações democráticas de massas levam a cabo tarefas específicas que no seu conjunto se destinam a mobilizar, a organizar e enquadrar as largas massas na construção do socialismo, via que conduz à libertação da Humanidade.

Os quadros da direcção da O. M. M. têm que ser escolhidos entre militantes do Partido para assegurar uma direcção correcta e evitar o seu desvio ideológico. Importa manter o máximo de vigilância para salvaguardar o predomínio da classe operária

e camponesa nos órgãos da O. M. M. de forma a garantir que a Organização permaneça um elemento dinâmico na batalha de classes.

A O. M. M. deve criar as condições para que as suas militantes activas, vindas das fábricas, das cooperativas e do Destacamento Feminino, enquadrem a vasta massa das Mulheres Moçambicanas na luta pela emancipação da mulher e a construção do socialismo.

Ela organiza-se nos locais de residência e a sua unidade de base é o bairro urbano ou a povoação.

A partir da localidade ela deve organizar conferências regulares. Estas poderão ser plurianuais na localidade e anuais no distrito. Ao nível da província estas poderão ter lugar anualmente enquanto que as conferências nacionais se realizariam uma vez todos os dois ou três anos.

Órgãos deliberativos e executivos deveriam funcionar em todos os escalões a partir da localidade, encarregadas de veiar pela aplicação das directrizes, discutir e sumarizar as experiências, dirigir a estrutura no intervalo das Conferências.

Em cada escalão, os órgãos da O. M. M. deverão coordenar a sua acção com as restantes organizações democráticas de massas e integrá-la na acção geral do Partido.

Igualmente, no seu trabalho de educação e difusão de ideias correctas, no seu combate ideológico e de classe, na sua luta contra as ideias e práticas retrógradas, a O. M. M. deverá esforçar-se por sensibilizar o homem, levá-lo a apoiar a batalha da libertação da mulher que é parte integrante e fundamental da Revolução.

PREPARAÇÃO DO III CONGRESSO DA FRELIMO

Caras Camaradas,

Inicia-se a II Conferência da O. M. M. no mo-

mento em que a classe trabalhadora moçambicana prepara o III Congresso da FRELIMO.

O III Congresso vai modificar profundamente a vida do nosso País, a nossa vida, a vida dos nossos filhos. Ele vai definir a tarefa de cada um de nós durante todo o período de Democracia Popular.

Em todo o País, desencadeia-se o processo de discussão e enriquecimento das teses do III Congresso.

Em todo o País, a classe trabalhadora aumenta a produção em apoio ao III Congresso.

A O. M. M. deve participar nesta batalha.

A O. M. M. deve engajar as mulheres a aumentar a produção e a discutir e a enriquecer as teses do Congresso.

A O. M. M. mobilizará e organizará as mulheres na realização das tarefas gigantescas determinadas pelo III Congresso da FRELIMO.

**A NOSSA BATALHA É PARTE INTEGRANTE
DA BATALHA PELO SOCIALISMO
E É FUNDAMENTAL PARA O TRIUNFO
DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA**

Caras Camaradas,

Estamos fortes das discussões e do estudo que fizemos nas semanas em que preparamos a II Conferência.

Estamos enriquecidas pelas férteis discussões levadas a cabo nas numerosas reuniões realizadas nos distritos e províncias.

Participam nos nossos trabalhos quadros veteranos da luta de libertação nacional, quadros forjados e temperados no processo da guerra popular, da luta contra os velhos e novos exploradores. Conosco estão jovens quadros, formados nas re-

centes batalhas da luta de classes, da luta contra as manobras do capitalismo e do imperialismo, quadros que se temperam nas tarefas exaltantes do aumento da produção, da liquidação do analfabetismo, ignorância, miséria, doença, obscurantismo.

Na nossa Conferência façamos uma ampla troca de experiências que nos conduza a um pensamento comum, instrumento real da libertação da mulher e da transformação da sociedade.

Saibamos analisar e beneficiar das experiências revolucionárias da mulher dos países socialistas, da experiência da mulher nos países colonizados, nos países fascistas que combatem pela independência e pela democracia. Que todos os combates revolucionários, que todos os combates pela autêntica libertação da mulher nos sirvam de fonte de inspiração e estímulo.

Caras Camaradas,

Em nome do Comité Central da FRELIMO declaro solenemente aberta a II Conferência da Organização da Mulher Moçambicana.

A nossa batalha é parte integrante da batalha pelo socialismo e é fundamental para o triunfo da Revolução Socialista.

Viva a FRELIMO!

Viva a Organização da Mulher Moçambicana!

Viva a II Conferência da Organização da Mulher Moçambicana!

Viva a Revolução Socialista!

Viva a Libertação da Mulher!

A Luta Continua».

FRELIMO

Publicado pelo Departamento de
Informação e Propaganda da FRELIMO